

Medicina Veterinária

Lesões histopatológicas em pele de cães diagnosticados com Leishmaniose Visceral Canina

Letícia Landi Brandão Peres Pereira - Acadêmica do 8º módulo de Medicina Veterinária, DMV/UFLA. Contato: leticia.pereira3@estudante.ufla.br

Matheus Pedroso Ferreira - Acadêmico do 7º módulo de Medicina Veterinária, DMV/UFLA.

Hellen Keller Costa de Oliveira - Acadêmica do 3º módulo de Medicina Veterinária, DMV/UFLA.

Adriana Silva Albuquerque - Doutoranda em Ciências Veterinárias, Patologia Veterinária, FZMV/UFLA.

Angélica Terezinha Barth Wouters - Professora Associada do Setor de Patologia Veterinária, FZMV/UFLA.

Djeison Lutier Raymundo - Professor Associado do Setor de Patologia Veterinária, FZMV/UFLA. Contato: djeison.raymundo@ufla.br - Orientador. - Orientador(a)

Resumo

A leishmaniose visceral canina (LVC) é uma zoonose, causada por protozoários do gênero *Leishmania* sp., cujas manifestações clínicas são variáveis e podem incluir lesões de pele. Visando descrever as principais alterações cutâneas em cães diagnosticados com LVC foi realizado levantamento nos arquivos de registro de necropsias do Setor de Patologia Veterinária da Universidade Federal de Lavras (SPV-UFLA) de fevereiro de 2013 a julho de 2022. Ao todo foram realizada 447 necropsias em cães positivos para LVC, sendo que 134 (30%) apresentavam lesões em pele. Dos cães com lesão de pele, 59 (44%) apresentavam formas amastigotas compatíveis com *Leishmania* spp. intralesionais. Processos inflamatórios foram observados em 112 desses animais sendo 56 (42%) do tipo linfoplasmocitária e em 26 (19%) observou-se inflamação granulomatosa. Foi observado infiltrado do tipo linfoplasmocitário ou neutrófilico na pele de 17 (13%) cães cada. Infiltrado composto por macrófagos e linfócitos foram observados em 16 cães (12%). Outras células como eosinófilos foram observadas em 4 (3%) cães e mastócitos em 3 (2%) animais. Alterações como hiperqueratose e acantose foram vistas em 46 (34%) e 14 (10%) cães respectivamente. Outras alterações importantes foram as ulcerações, encontradas em 20 cães (15%) e necrose do epitélio em 11 (8%). Furunculose e hemorragia associada a necrose foram observadas em 3 (2%) cães. Atrofia de epiderme, calcificação, edema, fibrose dérmica, foliculite e hiperplasia de epiderme foram observadas em 2 (1%) cães cada. Fibrina, fibroplasia, hiperplasia de glândulas sudorípara e sebácea, presença de melanócitos e melanoblastos, proliferação de tecido conjuntivo, vacuolização de músculo piloerector foram vistas em menos de 1% dos animais. Foram observadas ainda, associadas às áreas de lesão, colônias bacterianas em 5 cães (4%) e malassezia em um. Em um animal não foi possível caracterizar tais lesões devido ao estado avançado de autólise. As lesões cutâneas são achados importantes na LVC e, embora nem sempre estejam associadas à presença das formas amastigotas, são alterações úteis clinicamente para triagem e suspeita de diagnóstico. Além disso, conclui-se que a inflamação do tipo linfoplasmocitária é o principal achado em lesões de pele em cães com LVC. Dos 5 casos que apresentavam colônias bacterianas, apenas um também apresentava formas amastigotas de *leishmania* assim como o único caso de malassezia. Agradecimentos à UFLA, CAPES, FAPEMIG e CNPq.

Palavras-Chave: *Leishmania* sp., formas amastigotas, infiltrado linfoplasmocitário.

Instituição de Fomento: FAPEMIG, CNPq, CAPES, UFLA.

Link do pitch: <https://youtu.be/POVXYDaSybA>

Sessão: 5

Número pôster: 184

Identificador deste resumo: 1234-16-1421

novembro de 2022